**SILVA, Jaqueline Ramos da; Warter Clementino; SIQUEIRA, Helena da Conceição.**

**FLORESTAN FERNANDES: Uma análise do pensamento de Florestan Fernandes acerca da burguesia brasileira.**

Trabalho apresentado à disciplina Historiografia, ministrada pela professora Rejane Meireles R. Amaral, como parte das exigências para conclusão do 6° período de História, Unimontes.

Montes Claros, novembro, 2010

**Florestan Fernandes**

Florestan Fernandes, que viria a ser grande expoente da sociologia brasileira, nasceu em 1920, na cidade de São Paulo e teve uma infância expressivamente conturbada, devido as dificuldades financeiras. Segundo José de Souza Martins, Florestan “teve uma existência difícil de menino pobre” [[1]](#footnote-2), fator que interferiu diretamente em seus estudos, pois não pôde terminar o primário e por isso completou seus estudos em um curso de madureza aos dezessete anos.

Sua formação acadêmica iniciou em 1940, quando ingressa na Universidade de São Paulo, cursando licenciatura e bacharelado em ciências sociais, e posteriormente fez o mestrado e doutorado em sociologia e antropologia. Iniciou seus estudos trazendo uma grande inovação, deixando transparecer em sua obra a figura do índio e do negro, observando o contexto social destes grupos. Florestan rompe com a história tradicional, que era escrita apenas sob o ângulo do colonizador, José Carlos Reis afirma que ele “afasta-se ainda mais da história político-administrativa e biográfica tradicional.” [[2]](#footnote-3) O pensamento de Florestan Fernandes é rico em fontes que dão base ao seu trabalho intelectual, José Carlos Reis o caracteriza de eclético, ou seja, fez uso de fontes diversificadas, embora este seja um termo temido por ele, segundo José de Souza Martins.[[3]](#footnote-4) Percebemos que embora Florestan não acolhesse o termo de eclético, ele fazia parte desta geração nova de sociólogos, que valorizavam a presença de elementos de diversos teóricos clássicos para compor a sua base intelectual.

Um dos componentes de maior destaque em sua intelectualidade é o marxismo, seu estudo sobre este foi aprofundado e baseado nos próprios escritos de Marx. E Florestan infiltrou claramente em suas obras elementos dos culturalistas Gramsci e Mannheim, se identificando com aquele pela valorização das classes subalternas e com ambos por valorizarem a relação entre pensamento e ação. Esta forte influência de Mannheim é que justifica o fato de Florestan defender a sociologia militante, ou seja, para ele primeiro é necessário refletir sobre a sociedade para depois atuar na mesma. . Para O. Ianni, outro importante componente do pensamento de Florestan é o seu direcionamento à linha do redescobrimento do Brasil, que apresenta como exemplo Caspistrano de Abreu, Manoel Bonfim e outros. É o seu caráter de escrever sobre o Brasil trazendo a tona elementos que sempre estiveram obscurecidos. A sociologia clássica e moderna também marca a sua teoria, pois Florestan dizia que era de grande enriquecimento ler estes clássicos estrangeiros, para dessa forma conhecer a sociologia que é produzida lá.

José Carlos Reis cita Gabriel Conh, este destaca que há dois conceitos que são os principais em Florestan Fernandes, são eles padrões e dilemas, termos aplicados no contexto de análise da realidade social[[4]](#footnote-5). Padrões são formas de organização da sociedade, e só podem ser dinâmicos, ou seja, tornar a sociedade dinâmica, se estiverem aliados aos dilemas, estes que representam muitas vezes propostas de mudanças, que podem ser executadas ou não. É por este motivo que Florestan defende que é de suma importância desenvolver a pesquisa e investigação sobre a realidade social, pois a teoria bem pensada conduz a ação bem efetivada.

Florestan se preocupava com a situação política em que seu país vivia, uma das explicações que nos prova isto é a escrita de sua obra *Pensamento e Ação: o PT e os rumos do Socialismo*, livro escrito no turbulento período de redemocratização. Como intelectual ele deixa claro que devem ocorrer mudanças na estrutura política do país. Em entrevista feita a Florestan e registrada no livro *Conversas com Sociólogos Brasileiros,* ao ser questionado sobre sua atuação política ele responde *“*Paralelamente ao trabalho na universidade, eu estava envolvido também nas lutas clandestinas contra o Estado Novo, e no movimento trotskista, de extrema esquerda.”[[5]](#footnote-6). Sua militância foi tão eficaz que ele foi eleito deputado federal e participou efetivamente dos primórdios do Partido dos Trabalhadores.

Como intelectual foi grande destaque, escreveu diversas obras, dentre ela em 1949 escreveu *Organização Social dos Tupinambá.* E posteriormente iria retomar tal tema, quando em 1952 ele escreve *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá.* Em 1959 ele escreve *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica,* obraconsiderada um clássico da sociologia*.*  Outra obra de grande destaque é *A Integração do Negro na Sociedade de Classes,* escrita em 1964, aborda as transformações do final do século XIX e inicio do século XX, observando o lugar ocupado pelos negros na sociedade burguesa brasileira. A obra é publicada em dois volumes que muito exploram as relações sociais no Brasil. Outras obras também foram escritas por Florestan, dentre elas *A Revolução Burguesa,* que será posteriormente abordada ao longo deste artigo.

Introdução

No presente trabalho, trataremos dos aspectos da burguesia brasileira, da sua emergência, sua revolução, suas limitações à luz do pensamento de Florestan Fernandes, nosso tema é: Uma análise do pensamento de Florestan Fernandes acerca da burguesia brasileira. E procuraremos responder o problema: Qual o pensamento de Florestan Fernandes sobre a burguesia brasileira? Como o sociólogo e cidadão F. Fernandes a define?

Metodologia

A metodologia está baseada na análise da primeira parte do livro *A revolução burguesa no Brasil - Ensaio de interpretação sociológica* bem como na análise do texto *Anos 1960- 1970: Florestan Fernandes* do livro As Identidades do Brasil de José Carlos Reis e na leitura de outros textos, artigos que tratam do pensamento desse sociólogo.

Teoria

Na busca por entender a sociedade brasileira os intelectuais brasileiros, passam a analisar de maneira mais profunda a estrutura dessa sociedade, seus aspectos, sua composição. O Brasil precisava de estudos que o explicasse e estabelecesse quais mudanças o país passou na sua política, economia, enfim na sua sociedade. Realmente houve mudanças? O que continuou? O que mudou? Jose de Souza Martins no prefácio a 5º edição do livro A revolução burguesa no Brasil, (a obra aqui analisada), observa que Florestan durante a escrita dessa obra, estava inserido num contexto de crise social e política, num período de turbulências, a ditadura militar. Nessa obra ele trás muitas indagações, muitas reflexões, incertezas a fim de entender o Brasil, entender sua formação, sua burguesia e o desenvolvimento do capitalismo. No primeiro capítulo de sua obra, Florestan faz uma pergunta que ele próprio a denomina de dramática: Houve uma revolução burguesa no Brasil? Já respondendo positivamente, ele aborda esse tema sob uma perspectiva investigativa, Florestan propõe então caracterizar a natureza e os agentes dessa revolução.

Problema de debate:

Florestan Fernandes revela na obra: *A revolução burguesa no Brasil*, como salienta José Carlos Reis, uma interpretação histórico - sociológica do Brasil, uma obra de síntese, marxista, que se distingue das interpretações marxistas do Brasil dos anos 1950- 1960. Assim como Caio Prado Junior com *A Revolução no Brasil*, Florestan faz uma abordagem desvinculada do PCB. O dualismo (esquerda X latifúndio e imperialismo) feito pelos intelectuais do período e especialmente pelo PCB é desprezado por Florestan Fernandes, diante disso vamos tentar entender o debate dessa obra e sua contribuição metodológica para os estudos da sociologia, para a historiografia brasileira e para as ciências humanas como um todo. Aqui temos uma abordagem que segue o modelo de dependência, porém como Reis salienta F. Fernandes “transcende esse modelo, embora enfatize a dependência e tenha sido um dos formuladores do seu modelo, ao dar mais atenção à dinâmica interna da sociedade brasileira e ao continuar fiel ao projeto do socialismo democrático.” [[6]](#footnote-7) Logo nossa proposta é analisar o pensamento de Florestan Fernandes acerca da burguesia brasileira. Quais os aspectos dessa burguesia e segundo Florestan quais os processos históricos que contribuíram para o surgimento da burguesia brasileira.

Debate sobre a obra

A obra é uma interpretação que ignora as orientações internacionais, é um debate feito do Brasil para o Brasil. Reis ressalta que F. Fernandes revela uma nova visão do Brasil, construída com base em pesquisas empíricas sobre a colonização, a escravidão e a revolução burguesa. Reis também fala dos aspectos levantados por Emília Viotti da Costa, para engrandecê-la. Para Viotti da Costa F. Fernandes inova, pois n “A revolução burguesa no Brasil, temos um novo modelo de interpretação de sociedade brasileira, onde as interpretações mecanicistas são evitadas, a autora ressalta ainda a objetividade da obra, pois F. Fernandes procura diagnosticar a política Brasileira contemporânea. F. Fernandes no seu livro diz que a obra “trata- se de um ensaio livre, que não poderia escrever se não fosse sociólogo. Mas que põe em primeiro plano as frustrações e as esperanças de um socialista militante.”[[7]](#footnote-8) Frustrações que abordaremos nesse artigo.

*A revolução burguesa no Brasil* que foi escrita em dois momentos em 1966 segundo F. Fernandes em resposta intelectual à situação que se criara com a ditadura militar e finalizada em 1973, numa etapa que foi afastado da Universidade por imposição do regime. Trata inicialmente das particularidades da burguesia revolucionária brasileira, ressaltando que diferente da burguesia de modelo clássico, que defendia e lutou em prol do liberalismo e da democracia em seus países, no Brasil, a burguesia prefere adotar um estilo autoritário de democracia limitada. Diante disso, a inquietação de Florestan Fernandes é saber o porquê disso.

Ele acredita que a opção da burguesia se deve pela forma peculiar que o capitalismo se desenvolveu aqui. Como observa Reis, o padrão do desenvolvimento capitalista do Brasil é específico e é essa especificidade, e suas conseqüências políticas que o estudo de F. Fernandes procura estabelecer. A revolução burguesa no Brasil, portanto trata do processo de consolidação do capitalismo no Brasil, que para F. Fernandes foi “uma realidade parcialmente autônoma e com tendência a integração nacional.” [[8]](#footnote-9)

Como observa Florestan Fernandes na introdução do livro, existem dois eventos que devemos considerar quando se trata da revolução burguesa brasileira, um que vem antes: “a economia exportadora que prepara, estrutural e dinamicamente, o caminho para essa revolução sócio- econômica e política”. E outro que vem após a revolução com três opções para o desenvolvimento da economia na sociedade brasileira: o subcapitalismo, o capitalismo avançado e o socialismo. Contudo o autor já deixa claro que sua intenção é examinar o durante, ou seja, “a etapa na qual se inicia a consolidação do regime capitalista no Brasil.” Logo, Florestan quer saber como, onde e quando surgiu a burguesia e sua revolução. Nesse contexto, ele diz que alguns acreditam que o burguês e a burguesia teriam surgido desde o início com a implantação e expansão da lavoura exportadora e outros acreditam que nem o burguês nem a burguesia poderiam existir no Brasil, pois os mesmos são exclusivos da Europa. O autor contesta ambas as abordagens, a tese capitalista e a tese feudal, para ele não se pode associar o senhor de engenho ao burguês nem a aristocracia agrária à burguesia, pois o senhor de engenho não era burguês, mesmo possuindo uma posição privilegiada na colônia, ele não passava de um funcionário do governo português, logo a história da burguesia brasileira não emerge com a colonização, o Brasil não é capitalista desde o seu descobrimento. Por outro lado, Florestan destaca que quem defende que o burguês é um personagem europeu que não existiu no Brasil comete o pecado do historicismo anti- histórico, ou seja, ignoram que as sociedades se articulam, que os processos e agentes de uma podem ser passados para outra. Diante disso, O Brasil fez essa opção, optou pelo capitalismo, que segundo Florestan não seria possível se não existisse a burguesia brasileira. Dessa maneira o autor esclarece que:

“(...) seria ilógico negar a existência do burguês e da burguesia no Brasil. Pode- se- ia dizer, no máximo, que se trata de entidades que aqui aparecem tardiamente, segundo um curso marcadamente distinto do que foi seguido na evolução da Europa, mas dentro de tendências que prefiguram funções e destinos sociais análogos tanto para o tipo de personalidade quanto para o tipo de formação social.” [[9]](#footnote-10)

Sendo assim, como observa Reis, Florestan nega a tese feudal de Nelson W. Sodré e a tese capitalista de Caio Prado Junior.

Falar em revolução burguesa no Brasil, segundo Florestan, consiste em procurar os agentes humanos das grandes transformações histórico-sociais. “A revolução significou a modernização econômica, política, cultural e social, uma transição da era senhorial, sob a hegemonia das oligarquias agrárias, para a era burguesa”.[[10]](#footnote-11) Florestan esclarece que no Brasil, não houve um confronto estrutural entre o novo e o antigo regime, eles se fundiram. A burguesia não entrou em conflito com a aristocracia agrária, ela se opôs a essa dentro da ordem. Nesse contexto, a oligarquia, aceita a transição, se moderniza, se aburguesa. Para Florestan o que determinou a transição, foi o fato da burguesia com interesses “estritamente” econômicos, se associar com a oligarquia e o imperialismo. Logo, o capitalismo brasileiro, assim como a burguesia é dependente. “A revolução burguesa no Brasil não foi, portanto, uma ruptura intransigente, um assalto ao poder oligárquico, mas um processo modernizador, gradual, não vertical, conciliador, de longa duração. O ritmo da revolução foi imposto de fora para dentro pela economia capitalista internacional.” Diante disso, Reis destaca que para F. Fernandes a revolução burguesa brasileira queria realizar a implantação de uma economia capitalista independente, nacional, esse era seu sonho. Segundo Reis, Florestan se distingue de Sodré e Caio Prado, enquanto esses sonhavam cada um a sua maneira com um capitalismo nacional, para Florestan a emancipação e a autonomia nacionais serão impossíveis dentro do sistema capitalista.

Reis ressalta que Florestan ao avaliar a ação da burguesia brasileira ele hesita, se divide, mantendo duas idéias: decepciona-se com a limitação da burguesia, com a falta de dinâmica, democracia, revolução de fato e ao menos tempo a denomina de hábil. Acredita que a burguesia falhou como agente transformador faltando-lhe audácia e agressividade, e que a revolução no Brasil foi frustrada, pois a burguesia não aproveitou a oportunidade que teve, descumpriu seu papel, foi incompetente, muito tímida, muito prudente. Para Reis, “F. Fernandes recai então em considerações éticas, torna-se um cidadão frustrado e indignado com as difíceis condições da vida brasileira, engastada entre o passado e o presente, incapaz de saltar para o futuro, pela ausência de sujeitos históricos realmente dinamizadores”.[[11]](#footnote-12) Entretanto Reis reconhece que enquanto cientista social, F. Fernandes analisa as condições objetivas da burguesia, das escolhas feitas, observa uma realidade social dependente, dominada pela continuidade das forças do presente e do passado e conclui que era difícil agir, que a revolução burguesa no Brasil foi feita em estreitos limites, entre o passado colonial e o presente neocolonial. Para Reis, Florestan se divide, às vezes acusando a burguesia, e outras a defendendo dizendo que a burguesia teve habilidade para agir dentro de uma estrutura tão limitada. Para o mesmo autor não há contradição nas avaliações de F. Fernandes, pois,

“são avaliações feitas a partir de esferas de valores distintos, a esfera da paixão, do cidadão, e a esfera do conceito, do cientista social. Não são contraditórias: elas se complementam, se iluminam reciprocamente. O cidadão expressa a sua frustração e pede explicações ao cientista; o cientista oferece explicações que jamais são suficientes para acalmar e silenciar a frustração do cidadão.”

A partir desse momento de “dialogo entre cidadão e cientista”, depois de realizada o caráter da revolução burguesa no Brasil, Florestan Fernandes faz uma análise histórica da revolução. Procura saber seu início, o que revelou a sua emergência e sua dominação, e o marcos da sua ascensão. Para ele quatro fatores histórico-sociais contribuíram para esse caráter da revolução: os processos político, econômico, sociocultural e sócio- econômico.

Com a independência, o processo político apesar de a produção continuar escravista, a propriedade latifundiária e a agricultura monocultora e exportadora, o comércio mudou e passou a ser controlado internamente. Segundo F. Fernandes a independência não trouxe nenhuma revolução econômica e sim um novo padrão social econômico e cultural, com novas técnicas, novo modelo de ação econômica, o que fez emergir no Brasil o burguês. Portanto esse agente do capitalismo no Brasil surgiu ligado ao comércio. E apesar de não ter havido participação da massa na independência, o que de certa forma limitou o seu poder transformador, todavia com a quebra do pacto colonial surgiu uma sociedade verdadeiramente nacional, onde apesar da dominação externa o poder surge e se organiza a partir de dentro e não de fora do país como antes. Segundo F. Fernandes a elite que fez a independência não queria uma a mudança social, e sim assumir o poder e controlar diretamente o comércio. Logo a independência foi ao mesmo tempo um movimento revolucionário e conservador, pois se por um lado as elites queriam a formação de uma sociedade autônoma, por outro preservava a ordem social colonial, pois ela precisava desta ordem na mineração e na lavoura. Neste contexto o liberalismo ofereceu a argumentação racional contra a condição colonial, mas fez surgir um Estado destituído das mínimas condições para a formação de uma sociedade nacional. Para F. Fernandes ele foi a força cultural viva da revolução nacional brasileira e revelou um caráter duplo, uma nova dependência exterior e o novo caminho de autonomia das elites,o autor afirma também que independência foi o marco inicial da revolução burguesa no Brasil.

Após a independência os agentes estrangeiros assumem o controle econômico e o produtor brasileiro aspira a internalização do comércio, mas ele não possui forças para isto e a dependência externa permanece em relação ao comércio, agora a dependência não é mais política e sim econômica, mesmo continuando a dependência externa a economia nacional articulava de uma forma nova no mercado mundial. O Brasil foi aparelhado com a finalidade de uma montagem de economia capitalista dependente, empresas estrangeiras especializadas em transações comerciais, importação e exportação, operações bancárias vieram para o Brasil instalando assim os controles externo no cerne da economia brasileira, porém esta modernização tocou primeiro a esfera comercial e por não atingir a produção agrícola voltada para o comércio interno não trouxe a autonomia, por outro lado aprofundou a heteronomia. Nesse ambiente sob estes aspectos surge o que modernizou a economia interna monetarizando-a e estimulando o consumo, criando um novo horizonte cultural.

O Processo sociocultural brasileiro não poderia surgir sem os processos político e econômico que o antecederam. Para F. Fernandes dois tipos humanos são criados neste processo, que modernizarão o país: o fazendeiro do oeste paulista e o imigrante europeu. O primeiro soube adaptar-se aos novos tempos e transformar sua lavoura, substituindo a mão-de-obra escrava, reduzindo os custos, utilizando novas técnicas, modernizando os transportes, o que fez surgir uma nova fazenda mais produtiva. Agora o *status* destes fazendeiros vem do poder econômico e a sua fazenda se tornou uma empresa, ele reside na cidade e nela investe e ao conviver com o espírito burguês existente ali ele se torna um burguês de passado senhorial. O segundo, o imigrante, já chegou aqui com espírito burguês, o seu passado não é interno, ele não tem outra ligação com o Brasil que não a econômica, pois veio enriquecer e voltar ao seu país de origem, ele surgiu quando a economia de mercado exigiu a substituição da mão-de-obra cativa pela a livre, foi trazido por aquele fazendeiro moderno. O imigrante foi o elemento acelerador da revolução burguesa, se o fazendeiro atuou nas esferas superiores ele atuou em várias outras de grau inferior, uma vez que não se importava com *status. P*orém quando começou atuar na política não foi inovador, foi conciliador aderindo às formas de dominação é quando o cidadão F. Fernandes protesta, mas este imigrante talvez não pudesse agir de outra forma, pois chegou dominado pelos verdadeiros detentores do poder.

Depois de absorver o capitalismo, primeiro na esfera comercial-financeira, depois na fazenda de café e com o imigrante, a sociedade brasileira tenderá a construir uma nova ordem social competitiva, o processo sócio-econômico.

No século XIX os ingleses atacaram a espinha dorsal da ordem senhorial, a escravidão, por saber disso ela lutou como pode, porém não podiam parar o trem da história, caíram por não ter elasticidade para acomodar as novas formas materiais, morais e políticas das relações humanas sob o capitalismo. Dessa maneira houve uma acomodação das formas antiga e nova, surgindo assim uma forma híbrida da economia nacional, mas o antigo modo escravista foi substituído pelo trabalho livre e assalariado.

Em 1889 forma-se um novo Estado burguês, apesar da democracia ser oligárquica e elitista, este Estado criou leis que tornou o indivíduo livre e assim pronto para oferecer sua força de trabalho ao mercado. Estes processos implantaram o capitalismo no Brasil. É importante salientar que para Florestan Fernandes a burguesia brasileira só foi inovadora economicamente e que desde 1808-22 a revolução burguesa se deu de cima para baixo de forma autoritária, autocrática e repressiva.

Conceito:

O Sociólogo Florestan Fernandes, nesse trabalho deixa claro dois conceitos: o conceito de dependência econômica e o de continuidade política. Segundo Reis, aprofundando a perspectiva de Caio Prado, Florestan percebe na sociedade brasileira mais a continuidade que a mudança e o domínio das forças do presente e do passado. Contudo, como Reis observa, para ele, não há continuidade absoluta em história, alguma mudança sempre acontece. “F. Fernandes é sensível a essas mudanças, registra as mais sutis e avalia com lucidez o seu alcance”.[[12]](#footnote-13) Quanto ao conceito de dependência, Florestan acredita numa burguesia dependente, num capitalismo dependente, e, por conseguinte ele ressalta a permanência de uma sociedade de economia heteronômica, ou seja, uma sociedade economicamente influenciada pelo capitalismo “de fora”, pela burguesia internacional. Para ele, a burguesia brasileira aliando ao capitalismo externo e aceitando ser dependente é incapaz de agir mais agressivamente. Diante disso Fernando Henrique Cardoso, seu ex- orientando defende esse mesmo conceito, o conceito de capitalismo dependente no Brasil. Entretanto, diferentemente de seu mestre, FHC, “aplaude” a opção da burguesia, e defende que para o desenvolvimento dos países da América Latina e do Brasil, é necessário que os mesmos aproximem mais do capitalismo internacional. Enquanto isso Florestan continua esperançoso de um Brasil “independente”, mais autônomo.

Contribuição metodológica

A contribuição metodológica de Florestan Fernandes nessa obra é importância que ele dá para a pesquisa empírica, que por sua fez foi influencia dos europeus que fundaram a USP, como salienta Jose de Souza Martins. Percebe- se que o professor de sociologia Florestan chama a atenção para a sociologia crítica, e dá ênfase ao método de investigação. Na opção pelo ensaio, ou seja, por um trabalho menos teórico, ele dinamiza a maneira de refletir sobre a burguesia e suas escolhas. Florestan, portanto, trás uma notável contribuição para a historiografia e obviamente para a Sociologia, ao mostrar que o sociólogo deve pensar a sociologia teórica como sociologia aplicada, ou seja, cabe ao sociólogo não apenas fazer indagações, mas também agir ativamente na história.

Resposta ao problema:

Florestan Fernandes define a burguesia brasileira de autoritária. Ele percebe que a sua democracia é limitada, assim como também suas ações. Como cidadão ele espera mais da burguesia, como se ela pudesse fazer mais pelo Brasil, se não fosse tão egoísta e pensasse mais na nação que na classe. Como cientista social, marxista teórico ele a denomina de hábil por conseguir agir dentro de um sistema tão fechado, compreende a ação da burguesia. Mesmo reconhecendo a vantagem de o Brasil sair do estado colonial para o capitalismo dependente, o sociólogo Florestan Fernandes é um cidadão decepcionado com a burguesia brasileira e sua revolução. Para F. Fernandes a revolução não se completou, a revolução burguesa se deu de cima para baixo de forma autoritária, autocrática e repressiva, logo seus limites reduz sua eficácia.

Considerações finais:

Importante destacar que essa análise do pensamento de Florestan Fernandes, foi feita a partir da primeira parte da sua obra *A Revolução Burguesa no Brasil* e do texto de Jose Carlos Reis. Portanto nas nossas conclusões consideramos a interpretação do autor Reis à luz do pensamento de F. Fernandes na sua análise sobre a burguesia brasileira e sua revolução e a partir de nossa leitura e nossa própria interpretação sobre os textos aqui analisados.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento**. Florestan Fernandes, intérprete do Brasil.** Jornal da USP, agosto de 2005, ano XXI. [WWW.Jornaldausp.com.br](http://WWW.Jornaldausp.com.br)

BASTOS, Elide Rugai. **Conversas com Sociólogos Brasileiros.** São Paulo: Ed 34, 2006

FERNANDES, Florestan. **A Revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

REIS, Jose Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 4ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001

RODRIGUÊS, Lidiane Soares. **A revolução burguesa no Brasil de Florestan Fernandes: Síntese teórica de um saber militante**: Anais XVIII Encontro Regional de História- O historiador e seu tempo. ANPHU/ SP- UNESP/ Assis, 2006.

1. MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. [↑](#footnote-ref-2)
2. REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 4° Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2001. [↑](#footnote-ref-3)
3. MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. P.29. [↑](#footnote-ref-4)
4. REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 4° Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV,2001. [↑](#footnote-ref-5)
5. BASTOS, Elide Rugai. **Conversas com Sociólogos Brasileiros.** São Paulo: Ed 34, 2006 [↑](#footnote-ref-6)
6. REIS, Jose Carlos. **As identidades do Brasil**: **de Varnhagem a FHC.** 4º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. O autor destaca também as críticas que F. Fernandes fez ao seu ex- orientando Fernando Henrique Cardoso quando esse governou o Brasil. [↑](#footnote-ref-7)
7. FERNANDES, Florestan. **A Revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975 [↑](#footnote-ref-8)
8. Ibid., p.9. [↑](#footnote-ref-9)
9. Ibid., p. 17 [↑](#footnote-ref-10)
10. REIS, Jose Carlos. **Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC.** 4º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001 [↑](#footnote-ref-11)
11. Ibid., p.219. [↑](#footnote-ref-12)
12. Ibid., p.231. [↑](#footnote-ref-13)